



DISTINTOS ORIENTES: OS IMIGRANTES LIBANESES EM DOIS ROMANCES BRASILEIROS



FROM DIFFERENT ORIENTS: LEBANESE IMMIGRANTS IN TWO BRAZILIAN NOVELS

Ricardo POSTAL

Universidade Federal de Pernambuco, Brasil

Maria Luiza Cintra BIONE

Universidade Federal de Pernambuco, Brasil

Fabiana Vasconcelos MENDES

Universidade Federal de Pernambuco, Brasil

RESUMO | INDEXAÇÃO | TEXTO | REFERÊNCIAS | CITAR ESTE ARTIGO | AUTORIA
RECEBIDO EM 05/01/2023 • APROVADO EM 10/11/2023
DOI: <https://doi.org/10.47295/mgren.v12i2.697>

Resumo

Este artigo, à luz dos conceitos do *Orientalismo* de Edward Said (2007), tem como objetivo observar, em dois romances brasileiros, — *A descoberta da América pelos turcos* (2008 [1994]), de Jorge Amado, e *Nur na escuridão* (1999), de Salim Miguel — como se articula o olhar orientalista. Através da análise comparativa desses romances, observa-se que há tentativa de superação do discurso orientalista por parte do autor de origem libanesa por meio da narrativa memorialista. Por sua vez, na obra de Jorge Amado percebe-se ainda a

presença das características homogeneizantes dos árabes, apesar da tentativa de romper com os estereótipos. A partir dos aportes articulados por CURY (2006), GARCIA (2014), GATTAZ (2007;2012) e TRUZZI (2000), a análise nos permitiu concluir que existem maiores possibilidades de superação do Orientalismo através das estratégias narrativas de Salim Miguel, que se utilizou da nacionalidade, da autoficção e da memória para garantir uma autoridade discursiva cultural e etnicamente mais próxima dos sujeitos representados.

Abstract

This paper, in the light of the concepts of Edward Said's Orientalism (2007), aims to observe, in two Brazilian novels, *A descoberta da América pelos Turcos* (2008 [1994]), by Jorge Amado, and *Nur na escuridão* (1999), by Salim Miguel - how the Orientalist perspective is articulated. Through the comparative analysis of these novels, it is observed that there is an attempt to overcome the Orientalist discourse by the author of Lebanese origin through the memorialist narrative. In Jorge Amado's work, on the other hand, the homogenizing characteristics of the Arabs are still present, despite the attempt to break with the stereotypes. Based on the contributions articulated by CURY (2006), GARCIA (2014), GATTAZ (2007;2012) and TRUZZI (2000), the analysis allowed us to conclude that there are greater possibilities of overcoming the Orientalism through the narrative strategies of Salim Miguel, who made use of nationality, autofiction and memory to ensure a discursive authority culturally and ethnically closer to the subjects represented.

Entradas para indexação

Palavras-chave: Orientalismo. Literatura e Imigração. Identidade Cultural. Árabes no Brasil. Representação do imigrante.

Keywords: Orientalism. Literature and Immigration. Cultural Identity. Arabs in Brazil. Representation of the immigrant.

Texto integral

Os vários modos e mecanismos orientalistas, como definidos por Edward Said em sua obra *Orientalismo: O Oriente como invenção do Ocidente* (2007[1978]), abarcam definições várias e interdependentes. A primeira designação é acadêmica: qualquer acadêmico, independentemente do que exerça, — dê aula, pesquise ou escreva sobre o Oriente — é um orientalista, e o que pratica pode ser chamado de Orientalismo. A segunda, é a distinção ontológica e epistemológica feita entre o Oriente e o Ocidente. E, por último, existe o Orientalismo que se constitui como uma instituição ocidental, principalmente europeia, baseada em textos diversos, como de teorias elaboradas, poesias, descrições sociais e romances, que negociam o Oriente e o oriental, impondo uma hegemonia intelectual colonizadora e opressora.

Através desses textos, o Ocidente consegue administrar e até produzir o que se entende da cultura, da política, da sociologia e das ciências do Oriente. Dessa forma, o texto orientalista pode ser entendido como uma 'vitrine' do povo oriental, construída pelos ocidentais, que exhibe uma imagem estática carregada de estereótipos. Portanto, o Orientalismo é um discurso que serve como um instrumento da dominação europeia para com o Oriente.

A durabilidade e a força desse discurso, segundo Said (2007), se baseia na ideia de hegemonia¹ proposta por Antonio Gramsci, de que certas culturas se sobrepõem umas às outras. Então, para funcionar, o orientalismo "depende dessa superioridade posicional flexível, que põe o ocidental em toda uma série de relações com o Oriente, sem que ele perca jamais a sua vantagem relativa." (SAID, 2007, p. 34).

Entre os benefícios proporcionados pela superioridade cultural, ressaltamos aquele que estabelece como verídico todo o conhecimento e opinião produzidos pelos ocidentais. Assim, a força hegemônica europeia permitiu que tudo o que se falava sobre os orientais, pelos orientistas, fosse firmado como verdade, produzindo, então, uma fixação de estereótipos desses povos.

Esses traços homogeneizantes estão presentes numa vasta gama de textos, e, entre esses, os de caráter literário foram os que mais se destacaram na construção de características orientistas. Conforme Said (2007), 'a multidão literária' explorou o material disponível deixado pelos pioneiros (sejam eles lexicógrafos, linguistas, filólogos, historiadores, entre outros) de modo a "dominar e mediar tudo o que nos dizem sobre o Oriente" (p. 234).

Os literatos orientistas viajavam individualmente para o Oriente para reafirmar suas suposições particulares sobre tudo que leram a respeito daquela região, e/ou explorar de diversas formas o lugar, construindo, no retorno, a representação de realidades a seu respeito. Deste modo, percebemos como esses viajantes possuíam objetivos delimitados e peregrinavam por satisfação própria.

Dentre esses orientistas, Said aponta os franceses Gérard Nerval e Gustave Flaubert, que foram ao Oriente tanto para tirar o 'mofo' do acervo orientista já existente, quanto para buscar uma realidade não científica e encantadora. Eles, então, escreveram sobre o oriental motivados por seus projetos estéticos pessoais, de maneira que "seus egos nunca absorveram o Oriente nem o identificaram totalmente com o conhecimento documental e textual que dele se possuía" (SAID, 2007, p. 252). Os textos de Nerval e Flaubert pintaram uma paisagem que lhes oferecia uma fuga da monotonia europeia, contendo reconstruções históricas e eruditas criadas por e para eles mesmos. Sendo assim, o Oriente, para os dois, é uma área vasta, repleta de alternativas imaginativas.

Outro autor francês mencionado por Said é François-René de Chateaubriand, que viajou ao Oriente cheio de propósitos e presunções particulares, intentando "reabastecer seu estoque de imagens" (SAID, 2007, p. 238), ou seja, ele regurgitava repetidamente o lugar presente na sua mente e buscava ratificá-lo, criando indivíduos, espaços e ideias por onde passava. Nos seus escritos, descreve o povo oriental como primitivo e selvagem, estampando sua civilização e religião como bárbaras e antagônicas ao Ocidente. Por esses motivos, o romancista afirma que essa sociedade merece a reconquista europeia.

E é na busca dessa realidade exótica e fascinante que esses autores, com finalidades preestabelecidas, peregrinaram ao Oriente, se apropriaram dele e

¹ A leitura de Said sobre a concepção de hegemonia elaborada por Gramsci se baseia em que: "Numa sociedade não totalitária, portanto, certas formas culturais predominam sobre outras, assim como certas ideias são mais influentes que outras; a forma dessa liderança cultural é o que Gramsci identificou como *hegemonia*, um conceito indispensável para qualquer compreensão da vida cultural no Ocidente industrial." (SAID, 2007, p.34)

falaram em seu nome. Desse modo, foi possível, e a seu próprio ver, justificável ao europeu se reafirmar como diferente dos orientais, e, a partir disso, promover sua superioridade diante do Outro. Logo, a consciência ocidental soberana de que os demais povos são inferiores garante a força cultural europeia, alimentando o discurso opressor sobre o Oriente.

Além destes, há os orientalistas britânicos como Alexander Kinglake e Richard Burton, que postulam o oriental como intelectualmente incapaz, mostrando-o como uma ‘múmia mental’. Em suma, os estereótipos que constroem a imagem do homem oriental nas ficções orientalistas são um objeto tão poderoso quanto os textos descritivos e sistematizadores dos orientais. Para Said (2007, p.265), “Mesmo o livro de viagens mais inócuo [...] contribuía para a densidade da percepção pública do Oriente”, de maneira que a adição destes autores no corpo textual do orientalismo influencia, também, nas noções hegemônicas que constituem o pensamento orientalista.

A mulher oriental, por sua vez, também é um fator constituinte do discurso estereotípico opressor do Orientalismo. Tida como uma máquina sexual que não faz distinção entre os homens e possuidora de uma sensualidade inesgotável, é caracterizada como símbolo perturbador da fecundidade, sendo associada a uma noção da Mulher Fatal. Essa vinculação feita principalmente por Flaubert e Nerval, adveio do realce de figuras femininas como Cleópatra, Salomé e Ísis, valorizando, portanto, segundo Said (2007), esses tipos femininos lendários, associativos e sugestivos. Apesar da sexualidade ilimitada, a árabe é dada como estéril, corrupta e sem prole, ou seja, é apenas remetida ao sexo, sem alguma promessa de constituição de uma família.

A reiteração dos discursos e imaginários orientalistas dificulta a capacidade de se pensar e falar sobre o Oriente. Existe um limite para escolhas dentro do que se pode dizer, uma vez que há uma tradição retroalimentada de representações hegemônicas e (a partir de sua ininterrupta repetição) popularizadas a respeito dos homens e mulheres do Oriente que perderam, ao se tornarem massa indistinta de ‘todos iguais’ a profundidade e variedade que todos os indivíduos e suas culturas possuem.

O que pretendemos investigar é a possibilidade de modulações dos discursos e pequenas variantes no imaginário orientalista tão absolutamente estabelecido. A hipótese é a de que poderia haver, em países também colonizados e postos na periferia subalternizada do sistema imperialista, uma percepção em perspectiva diferente sobre o Oriental, já que a marca de alteridade posta naquela cultura pela autoproclamada autoridade eurocentrada², também é posta para outros povos do sul global.

Os intelectuais e escritores brasileiros, no nosso caso de interesse, poderiam articular, sendo considerados “subdesenvolvidos” ou do “terceiro mundo”, através de uma solidariedade pós-colonial, estratégias de ação decolonial

² Sobre o eurocentrismo e seus mecanismos de imposição e sobrevivência ver GOODY (2008), como por exemplo: “O problema do eurocentrismo é ampliado pelo fato de uma visão particular de mundo produzida na Antiguidade europeia, cuja autoridade foi reforçada pelo uso extensivo do sistema de escrita grego, ter sido apropriada e absorvida pelo discurso historiográfico europeu, produzindo uma cobertura aparentemente científica em uma variante do fenômeno comum.” (GOODY, 2008, p.12)

ao negarem, caso não seja possível sua refutação, os procedimentos de controle e poder das vias de representação dos “outros” não europeus estabelecidos pelo orientalismo.

Portanto, afinando os afluentes de representações orientais, o Brasil configura tipos distintos de estereótipos sobre os “turcos”, baseados em seus próprios conceitos de alteridade em relação ao árabe imigrante que se instalou em terras brasileiras a partir do século XIX.

Nos romances brasileiros de representação árabe, portanto, o Orientalismo cumpre um papel diverso nas demarcações estereotípicas presentes nestas obras, ou seja, o discurso Orientalista local possui uma configuração própria, diante da condição de ser também, o Brasil, um país colonizado pela Europa.

Os traços árabes presentes no imaginário brasileiro surgiram, num primeiro momento, de maneira difamatória e excludente dos “turcos” por parte das culturas aqui já assentadas, motivados pelo passaporte Otomano dos imigrantes e pela sua rápida dominação do comércio, o que resultou numa invejada ascensão social da colônia árabe, o que será discutido mais adiante. Mais tarde, este imaginário transforma-se, segundo Pinto, de maneira que

[...] a própria comunidade sírio-libanesa apropriou-se de temas e referências orientalistas, produzindo um “orientalismo nativo”, que era mobilizado para criar novas hierarquias através de representações sobre a terra de origem e seu passado Otomano, assim como para negociar as suas diferenças culturais na sociedade brasileira. (PINTO, 2006, p. 53).

Diante disso, pretendemos cotejar o que é postulado nos textos orientalistas, criticados por Edward Said (2007), com dois romances brasileiros: *A descoberta da América pelos turcos* (2008 [1994]), de Jorge Amado, e *Nur na escuridão* (1999), de Salim Miguel, com o objetivo de verificar como se caracteriza e se modula o “orientalismo nativo”, e como isso resulta na criação ou sustentação de imaginários sobre o povo árabe na sociedade brasileira.

Para pensar tal imaginário, é preciso compreender os fluxos da população e da cultura libanesa vindos para o Brasil no final do século XIX. De acordo com Gattaz (2012), a imigração libanesa é dividida em quatro fases: a primeira, ocorrida entre os anos de 1880 a 1920, que foi motivada pelo descontentamento dos cristãos com o domínio Otomano, e por aspectos socioeconômicos como a baixa industrialização e a agricultura deficiente; a segunda, de 1920 a 1940, no período entre-guerras, que foi caracterizada pela busca de melhores condições econômicas em vista da nova configuração do Estado Libanês; a terceira, de 1940 a 1975, que foi marcada pela escassa oportunidade profissional devido à crise econômica pós-Segunda Guerra; e, por último, a quarta fase, de 1975 a 2000, que foi influenciada pelo conflito militar instaurado na década de 1970, que motivou perseguições políticas, medo e insegurança na população e um alta do desemprego.

Nos romances aqui analisados, os libaneses são representados entre a primeira e a segunda ondas de imigração, que nesse ínterim eram provocadas, além das causas supracitadas, pelo fator de “fazer muito dinheiro”; sendo que as famílias enviavam os filhos, em geral, homens solteiros, à América para resolver suas situações econômicas. Por essa razão, é comum, nesses imigrantes, a

pretensão de retorno ao país de origem, uma vez que eles teriam esse compromisso com os que deixaram para trás. Truzzi (2000, p. 318) arremata que “um retrato mais fiel seria compreender que a imigração síria e libanesa é formada por indivíduos comprometidos com laços familiares, dedicados ao entendimento de prioridades deixadas na terra natal.”

Em consequência da dominação Otomana no Líbano e na Síria, os imigrantes apresentavam no país-destino o passaporte do Império Otomano, por isso foram equivocadamente enquadrados como “turcos”, sem qualquer distinção entre libaneses e sírios. E é como “turcos” que a colônia sírio-libanesa passa a ser conhecida no Brasil, sendo associada, principalmente, à atividade econômica que exerceram: a mascateação (TRUZZI, 2000).

A maioria dessa população não atuava no comércio no país de origem, ocupando-se, predominantemente, da agricultura. Entretanto, ao chegarem ao Brasil, depararam-se com as diferenças entre as estruturas agrárias dos dois países. Aqui, encontraram um sistema de grandes lavouras, e, como não tinham muitos recursos, não podiam ser proprietários rurais. Portanto, escolheram a mascateação por ser uma atividade que dispensava recursos materiais, além de possibilitar que trabalhassem para si próprios, tendo um retorno rápido e não exigindo um conhecimento amplo da língua.

Essa atividade possibilitou a rápida ascensão econômica de uma significativa parcela desse grupo, principalmente daqueles do primeiro fluxo migratório, e continuou como uma escolha predominante de obtenção de capital, de acordo com Gattaz (2007), até a década de 1960. Vários são os fatores que confluíram para a mobilidade social. Truzzi (2000) assinala, primeiramente, que o predomínio comercial nesse segmento era dos portugueses, no entanto, os “turcos” logo lhes substituíram em relevância por sua habilidade para renovar as condições de comércio.

Se os portugueses eram tidos como trabalhadores honestos e tradicionais, a colônia sírio-libanesa propiciou circunstâncias de vendas mais vantajosas aos clientes, como o sistema de crédito e barganha e de promoções e liquidações. A popular expressão “turco de prestação”, pela qual ficaram conhecidos, se deu por essa inovação de forma de pagamento em parcelas empreendida por eles. Além dessa redefinição mercantil, os elementos que também favoreceram à transformação econômica foram: as relações de complementaridade e mecanismos de ajuda mútua no interior da colônia libanesa, em que os recém-chegados ao Brasil contavam com a ajuda de conterrâneos no início da mascateação; a boa distribuição demográfica entre as inúmeras regiões do país-destino; e a conservação da célula familiar, que era somente ampliada com o acréscimo dos novatos à parentela já estabelecida no Brasil (TRUZZI, 2000).

Por conta dessas estratégias que propiciaram o monopólio do mercado, os “turcos” ficaram conhecidos como introvertidos e por pouco se misturarem com outras colônias: eles casavam entre si, “importavam” esposas e socializavam-se em clubes particulares de sua etnia. Em consequência disso, houve o reforço de uma percepção a respeito dos sírios e libaneses (que já eram lidos como “turcos”) como um grupo homogêneo.

No entanto, como bem salienta Truzzi (2000), qualquer observação mais cuidadosa verificaria que se tratava de uma comunidade estratificada, com

recursos, habilidades e orientações diferentes. Muitas dessas divergências possuíam origem na terra de partida, sendo preservadas aqui no Brasil. A título de exemplo, havia as diversas religiões (muçulmanos, drusos e cristãos maronitas, melquitas, ortodoxos e protestantes) bem como uma divisão por conta do sentimento de superioridade dos libaneses em relação aos sírios por se considerarem mais cultos devido à sua ancestralidade fenícia.

A competição de identidades, no interior desse grupo social, acarretou o condicionamento da sociabilidade da colônia, forjando “um padrão onde esta se voltou para si mesma, autocentrada em seus inúmeros credos, associações de benemerência, escolas, clubes, entidades filantrópicas e jornais.” (TRUZZI, 2000, p.336). Essas associações foram criadas para que eles compartilhassem as crenças, valores e hábitos entre os seus semelhantes, sendo também o lugar onde os filhos das primeiras gerações achavam seus casamentos. Entretanto, à medida que as instituições se legitimavam, o *status* e prestígio econômico passaram a ganhar mais destaque, e a busca de associados reverteu sua prioridade para a classe social, e não mais para a etnia.

Outra consequência decorrente do domínio comercial foi a fixação do mascate como uma identificação no imaginário popular dos sírio-libaneses. Atrelada a essa identidade, foram atribuídos traços negativos como oportunismo e desonestidade, fortalecidos por mitos que diziam que estavam sempre buscando uma maneira de tirar vantagem na negociação, como aquele que diz que “[o turco] bate com o metro no chão para encurtá-lo” (GATTAZ, 2007, p. 49).

Com o propósito de reverter os estereótipos negativos, Gattaz (2007) declara que a colônia sírio-libanesa, a partir da escrita de intelectuais, abraçou a identidade de mascate que lhe fora atribuída, e destacou nas obras traços positivos como coragem, perseverança e honestidade. Portanto, observa-se como essa imagem se tornou um determinante na representação dos sírio-libaneses, tanto nos textos históricos e descritivos quanto na ficção. O mito do mascate marca uma grande parte da literatura de imigração árabe brasileira, presente em obras de ficcionistas brasileiros e de autores de origem sírio-libanesa, sendo ele um protagonista em ambos os casos. Isso se trata, segundo Laaouichi (2016, p. 23), “de uma busca das raízes perdidas ou prestes a se perderem no abismo do passado”.

Apesar da aceitação dessa figura como forma de manipulação de uma identidade brasileira, os libaneses que conseguiram ascender socialmente a partir dessa atividade comercial não desejavam que os filhos exercessem a mesma ocupação, considerada dura e sofrida. Por conta disso, houve um grande investimento na educação dos descendentes, o que permitiu a penetração das demais gerações no mercado das profissões liberais, como medicina e direito. Para Truzzi (2000), existe um grau significativo de incidência de doutores libaneses cujos pais exerciam a mascateação, e esse salto de ofício foi tão substancial a ponto de colocar essa etnia na segunda posição de descendentes que alcançaram formação superior bacharelesca, perdendo apenas para a judaica.

A partir do apanhado histórico aqui estabelecido e dos estereótipos formados sobre os orientais aqui destacados, em especial os originados no Brasil, é oportuna a análise comparativa entre os dois romances escolhidos, a fim de evidenciar as modulações do discurso orientalista à luz de divergências e similitudes entre os autores das respectivas obras, Jorge Amado e Salim Miguel.

Em *A descoberta da América pelos turcos* (2008 [1994]), de Jorge Amado, percebe-se a tentativa de construção de personagens sírio-libaneses totalmente integrados à sociedade brasileira. No prefácio da obra, ao mencionar sobre a imigração libanesa, o autor diz que “os turcos descobriram a América, desembarcaram no Brasil e *se fizeram brasileiros dos melhores*” (AMADO, 2008, p. 15, grifos nossos). E ao decorrer da narrativa, identificamos esse projeto do autor quando ele nos apresenta o lugar do enredo da história, a região grapiúna, listando as origens das pessoas que lá se encontravam, e conclui que são todos brasileiros: “Vindos de distintas plagas, sertanejos, sergipanos, judeus, turcos — dizia-se turcos, eram árabes, sírios e libaneses —, todos eles brasileiros.” (AMADO, 2008, p. 22). Em outra passagem, quando menciona a instalação no Brasil do personagem principal, Jamil Bichara, o escritor o trata como ‘novo brasileiro’: “[...] os rogos do venerável Tahar possibilitaram *ao novo brasileiro* não se sentir perdido [...]” (AMADO, 2008, p. 31, grifos nossos).

Outro aspecto que revela o empreendimento de tornar esses imigrantes tipos nacionais, é, de acordo com García (2014), a ausência de estranhamento entre eles e os brasileiros: os imigrantes não sofrem preconceito, nem choque cultural no país-destino, como também não apresentam nenhum sentimento nostálgico pela terra natal ou memórias da viagem. Portanto, é perceptível no romance de Jorge Amado a tentativa da construção de personagens pertencentes ao Brasil.

Já Salim Miguel, que tem a seu favor a pertença cultural, retrata os árabes com a verossimilhança de quem viveu o que escreveu. O romance autobiográfico *Nur na escuridão* (1999), através de sua narrativa memorialista/autoficcional, oferece um imigrante libanês mais próximo ao que contam os textos históricos: aquele que vem do Líbano para buscar melhores condições de vida, que tem familiares espalhados pela América, que pouco ou nada conhece da língua brasileira, mas que logo se conecta a um patricio e inicia os afazeres da profissão que lhe é imediatamente atribuída na sua chegada.

Entretanto, para além disso, Salim Miguel pinta o árabe com o pincel da memória, elegendo os registros escritos do próprio pai como fonte principal da sua narrativa, apenas preenchendo as lacunas com a ficção que se faz necessária. Dessa forma, além da memória ser o fio condutor do romance, ela está presente também no íntimo dos personagens e do próprio narrador: são imigrantes que recém se estabeleceram no Brasil, mas que não podem e não querem esquecer o Líbano. Segundo Cury (2006, p. 21), “[...] a memória, no romance, volta sempre ao mesmo ponto, é sempre o mesmo dia, o mesmo ano, reproduzindo a circularidade entre espaços que vai sempre marcar o ethos do imigrante [...]”.

É também através da memória que Salim Miguel nos oferece um imigrante que sente dor. Ao contrário daquele exposto por Jorge Amado, o libanês de *Nur* sempre está revisitando o passado, sempre está sentindo saudades, sempre está buscando algum tipo de conforto ou algo que lhe sirva de âncora para sua antiga vida. Inúmeras são as vezes em que os personagens perdem-se em memórias, e Salim Miguel mergulha o leitor também neste mar de lembranças, tal como Tamina, que “outra vez [...] sorri, enxuga os olhos, se cala, afunda no passado” (MIGUEL, 1999, p. 72).

Observamos, então, como Jorge Amado e Salim Miguel retratam o árabe de formas distintas. O escritor baiano tenciona apresentar um oriental que está tão enraizado na cultura brasileira que poucas são as lembranças da terra-natal, tornando-o, assim, uma figura nacional; Salim Miguel, por outro lado, intenta construir um árabe factual a partir das memórias de suas vivências na região. Além dessas particularidades na forma de representar esse povo, a caracterização específica da mulher árabe foi outro aspecto relevante que destacamos nas duas narrativas.

Na escrita de Jorge Amado, preocupado, em sua diegese, com o momento presente dos “turcos” no Brasil, apesar do esforço da não estigmatização dos libaneses, não há um desligamento total dos aspectos negativos atribuídos aos árabes, principalmente, àqueles alusivos às mulheres. Como mencionado anteriormente, Said (2007) revela que a mulher árabe foi pintada por orientalistas como possuidora de uma sensualidade inesgotável, que não faz distinção entre os homens, logo, é vista como uma máquina-sexual.

Reafirmando essa característica, no romance de Jorge Amado, *Sálua*, esposa recém-morta de Ibrahim Jafet, é tida como uma mulher de sexualidade luxuriante e ilimitada. Tal fato pode ser observado numa passagem em que se narra o cotidiano sexual do casal: “*todas as noites*, a partir das nove, hora de apagar o candeeiro e acender os imensos olhos de sultana para as infatigáveis núpcias na escuridão do quarto.” (AMADO, 2008, p. 36, grifos nossos). Ademais, após a morte da cônjuge, Ibrahim procura a mesma satisfação em outras mulheres, porém não a encontra. Para ressaltar essa aptidão sexual, o autor comenta que nem “*as confreiras mais exímias, as especialistas mais capazes*, num rebamboleio de técnicas e estilos em cama única e dissoluta, nem assim *igualaria a insigne maestria, a sapiência universal de Sálua*.” (AMADO, 2008, p. 37, grifos nossos).

Além disso, a disposição e a capacidade sexual de Sálua são determinadas como características essenciais da personagem: “Um dom divinatório, [...], pois não tivera onde aprender, tampouco quem lhe ensinasse.” (AMADO, 2008, p. 37). Assim, depreende-se como Sálua é caracterizada como uma fonte perene de lascívia, que possui esse dom apenas por ser árabe, tornando evidente a consonância da construção da mulher árabe de Jorge Amado com os estereótipos de mulher Oriental, altamente associada ao sexo, dos orientalistas.

Em Salim Miguel, porém, a mulher tem como característica a força materna. Tamina, mãe de Miguel, e uma das poucas mulheres em protagonismo em *Nur*, é santificada como uma matriarca: “com seus grandes olhos sonhadores, sua sensibilidade, sua voz macia e doce, porém firme nas decisões, é quem melhor sabe administrar a família” (MIGUEL, 1999, p. 54). Entretanto, posta lado a lado com Yussef, seu marido e pai de Miguel, seu discurso perde força diante da memória, tida como incontestável, do homem.

A tipificação da mulher como uma matriarca, assim como em *Nur*, está, da mesma forma, presente no romance de Jorge Amado. Apesar de representar a esposa, Sálua, como uma libidinosa incontornável, convergindo com as ideias orientalistas, a mulher também é apresentada como “Incontestada cabeça de tribo” (AMADO, 2008, p.35), indicando que ela exercia o comando do seu núcleo matrimonial. Ademais, o narrador deixa explícito que a personagem estava no

controle quando expõe: “O intelectual Raduan Murada [...] proclamava-a [Sálua] matriarca.” (AMADO, 2008, p. 36).

Ainda no que concerne à função de chefia da mulher na família, outro ponto de destaque é o papel dela na mascateação. Sálua, como uma matriarca, não só comanda a casa, como também, os negócios, visto que ela é posta como aquela que melhor discerne todos os assuntos da família. Em várias passagens verificamos como ela é a principal responsável pela liderança do comércio: “Sálua, em vida, a esposa, se ocupava e dera conta do negócio.” (AMADO, 2008, p.35), e igualmente no trecho: “Perita na marcação dos preços e na prática da pechincha [...]. Benquista, respeitada, mão econômica no afago, pesada no castigo, Sálua conduzira com competência o armarinho, as filhas e o marido.” (AMADO, 2008, p.36).

Desta maneira, verificamos que os dois romances convergem na representação da mulher árabe no que se refere à posição dominante que a mãe desempenha no casamento, o da matriarca; e desencontram-se na simbolização do feminino como um ser profundamente sexual, visto que apenas Jorge Amado reproduz tal estereótipo.

Além do aspecto sexual das mulheres e da construção do Oriental tomada entre o incaracterístico (imiscuído na nação, por Jorge Amado) e o culturalmente outro (afirmando a alteridade, por Salim Miguel), outro ponto de divergência entre os dois romances concerne ao estilo da narração.

Em contraste com a proximidade memorialista de Salim Miguel, Jorge Amado não traz, no relato de sua história, o íntimo das personagens e da família libanesa. Não há momento algum do enredo que gere a aproximação do leitor com as particularidades daquela família ou dos imigrantes. O narrador não “entra” na casa desses imigrantes para contar uma história sobre esse povo, ele apenas narra um episódio da vida familiar.

Diferentemente de *Nur*, quem narra *A descoberta da América pelos turcos* não aparenta ser um libanês que almeja contar a história daquele povo, mas um conhecedor dos fatos que os relata por diversão. Assim, não é propiciado o “conhecimento” e o aprofundamento dos personagens, pois apenas sabemos deles fora do ambiente familiar. Desse fato, supõe-se que o motivo da visão panorâmica e superficial é justificável pelo autor brasileiro não pertencer à colônia libanesa.

Por outro lado, Salim Miguel, por meio de enaltecimentos da cultura libanesa presente em sua família, não parece reconhecer falhas em qualquer comportamento de nenhum personagem. A generalização da memória mitológica, conscientemente manejada pelo autor, sacrifica a complexidade de representação das pessoas presentes na narrativa. Tal característica se assemelha em certa medida à homogeneidade de representação das pessoas orientais presentes nas obras descritivas dos autores orientalistas franceses citados anteriormente. O Oriente como ‘vitrine’ para os ocidentais implica descrevê-lo como estático, imutável, indistinguível, assim como as sociedades que nele habitam.

Este traço descaracterizador de personalidades individuais e marcantes é o que encontramos presente em *Nur*, pois temos personagens carregados de ancestralidade e que seguem um destino pré-escrito (*maktub*), com pouca ou nenhuma abertura para manifestarem suas individualidades. Desta forma, fica claro que ambos escritores utilizam-se de generalizações, porém diversas, do povo libanês: Jorge Amado fomenta o imaginário particularmente brasileiro dos

imigrantes, enquanto Salim Miguel apresenta uma herança familiar perdoada de seus erros.

Para além deste aspecto, de certo respaldo orientalista de Salim Miguel, *Nur na escuridão* se encarrega da tarefa de, através de recursos linguísticos e narrativos, transportar autor e leitor ao distante e não mais tangível Líbano de onde a família Miguel emigra.

Dentre as maneiras como Salim Miguel conecta os imigrantes de volta ao Líbano, a manutenção da língua árabe é uma das mais marcantes. O vocabulário árabe, presente na vida e na narrativa do autor, é um poderoso recurso conectivo, e até memorialista, e cuja utilização já no título da obra escancara as intenções de Salim Miguel de enaltecer sua terra de origem: “[...] o pai gostava de rememorar, de repetir insistindo: a primeira palavra que aprendi em português, que me foi diretamente dirigida, que gravei: luz. *Nur*.” (MIGUEL, 1999, p. 15). A mistura do árabe com o português, traço também presente na fala dos personagens mais velhos do romance, é um nuançar das culturas se misturando num quadro maior, formando no Brasil o diálogo entre as diversas etnias que aqui vieram colaborar para a formação de uma múltipla identidade nacional.

No processo de afirmação da cultura árabe, também são trazidas por Salim Miguel a culinária e a religião, como bem destacado por Laaouichi (2016, p. 97): “Salim Miguel representou o convívio da família libanesa à volta da mesa, que, no romance, é um espaço de convívio, de alegria, de paz, de troca de informações e novidades, tanto familiares quanto da terra e de preservação da identidade.”

Desta forma, Salim Miguel ergue “uma literatura memorialista onde é discutida, estudada, resgatada, reconstruída e problematizada a identidade árabe dentro do sistema literário brasileiro” (LAAOUICHI, 2016, p. 23), de maneira que, posto em comparação com o Outro, o árabe consegue falar por si próprio e pelos seus. Este é o aspecto que fortemente confronta o pensamento orientalista criticado por Edward Said, pois a literatura de Salim Miguel é a via de recuperação e registro da sua voz, da sua expressão e da sua memória (CURY, 2006).

Se Salim Miguel adentra numa literatura que expõe o seio familiar libanês, exaltando a cultura árabe no que corresponde à língua, à comida e ao convívio entre os parentes, Jorge Amado, por outro lado, com uma narração de alguém de fora da comunidade libanesa, reproduz uma das características pela qual a colônia em questão ficou bastante conhecida no Brasil: a de ser introvertida, de seus membros pouco se “misturarem” e de casarem entre si. No enredo do romance do escritor baiano, o personagem Raduan Murad está em busca de um marido para a filha de seu amigo Ibrahim Jafet, Adma. Na procura por um pretendente, é relatado que a melhor opção seria alguém de ascendência árabe para manutenção do negócio: “O sangue árabe garantiria a vocação para o comércio e a disposição para o trabalho.” (AMADO, 2007, p.43).

Assim, percebemos como Jorge Amado expõe sua percepção do árabe tanto como alguém que quer continuar numa comunidade fechada em si, casando com alguém da colônia, quanto como um povo que prioriza os negócios, dado que o noivado tinha como um dos motivos o gerenciamento dos recursos financeiros. O narrador deixa evidente em diversos trechos que o casamento de Adma está sendo utilizado como uma mercadoria, como em: “Ibrahim Jafet lhe oferecera sociedade em O Barateiro e, em contrapartida, de noivado e casamento, a mão de Adma.”

(AMADO, 2007, p.29). Outro momento é quando Adib, o rapaz que aceitou se casar com ela, pensa que os bens da noiva devem ser os principais motivos da união matrimonial, tratando o casamento como uma transação mercantil:

Beleza e juventude são dotes secundários, sobretudo se o dote principal da noiva se medir em léguas de terra ou em portas de casa de comércio - O Barateiro abria três portas para a rua. Formosura, graça e mocidade são preferências quando se busca amásia, xodó ou companhia para uma noite na cama, para uma cacetada. (AMADO, 2007, p. 62).

Esse ato de transformar a filha em mercadoria fortalece o estereótipo do turco como sendo apto para realizar qualquer negócio, um negociante congênito, que é “capaz de mercadejar a própria vida.” (ELLIS JÚNIOR apud TRUZZI, 2000, p. 332).

Tal ponto de vista Orientalista de Jorge Amado, em que o árabe é exagerado como o mascate que tudo venaliza, segue seu modo de ver o outro, em que, mesmo que tenha intenção de equipará-lo aos demais elementos “brasileiros”, o árabe é ainda tido como possuidor de uma persuasão negativa, senhor de uma sedução pela palavra (masculina) e pela sensualidade (feminina) que o Oriente ameaçador provocava na Europa inocente, segundo o imaginário Orientalista.

Se, como vimos anteriormente, as mulheres podem ser alçadas a posições de poder através do controle dos negócios e do mando das casas, elas só ascendem a essas posições pela conquista sexual do homem Oriental. Na manutenção dessa representação temos Adma, a qual é apresentada como uma megera sem futuro devido à sua solteirice e amargura, e que tenta controlar a vida do pai, bem como ser o bastião da moralidade da família. Ela é posta como oferta de casamento para que o pai tenha algum patrício na loja e um homem de coragem que aplaque sua sexualidade encoberta. Desse modo, volta-se à mulher fatal e sexualmente faminta, dos estereótipos, sem complexificar as angústias e vontades das diferentes mulheres árabes.

Diante da análise comparativa estabelecida, ao colocar em contraposição dois romances de representação árabe, observamos que, apesar de os escritores não pertencerem à cultura europeia, não há um desligamento total do discurso Orientalista. No caso de Jorge Amado, averiguamos a presença da mulher demasiadamente sexual e sugestiva, semelhante à Mulher Fatal construída por Nerval e Flaubert e descrita por Said no Orientalismo. Por outro lado, o escritor também apresenta outra face do tipo feminino: o da matriarca. No decorrer da história, fica evidente a importância da mulher na manutenção e na chefia da família e dos negócios.

Ainda no que se refere à representação árabe na obra de Jorge Amado, percebemos que não houve um desenvolvimento complexo desse povo, pois o autor o descreve reproduzindo estereótipos que circulam pelo Brasil, tais como: a unificação, pelo termo pejorativo “turco”, de uma comunidade estratificada; a associação desse grupo social à figura do mascate, carregada de atributos negativos como desonestidade, oportunismo e apto a realizar qualquer negócio; e a ideia de um grupo étnico fechado e introvertido. Em contrapartida, embora o escritor baiano apoie-se em generalizações na representação árabe, percebemos

que houve a intenção de uma integração desse grupo étnico a um tipo brasileiro. Conquanto esse processo negue a identidade desses imigrantes, Jorge Amado não realizou nenhuma distinção entre árabes e brasileiros, numa tentativa de incorporação dos sírios e libaneses ao Brasil.

Já em Salim Miguel, encontramos apenas um aspecto que sustenta um imaginário orientalista: uma homogeneidade de representação das pessoas libanesas, uma despersonalização e descaracterização das individualidades desses imigrantes, geradas pela supervalorização da ancestralidade e da memória descritiva das quais Salim Miguel se utilizou.

Apesar de haver nos dois romances algumas modulações na caracterização orientalizante do árabe, é perceptível a presença da instituição Orientalista nas duas obras. A manifestação desse discurso ainda em obras contemporâneas escritas em locais também subalternizados pelo eurocentrismo evidencia, portanto, a força e a durabilidade que o Orientalismo expresso por Edward Said possui, visto que, ainda que tenha sido elaborado por países imperialistas para subjugar e dominar outros povos, consegue se perpetuar nas vozes de escritores que são a alteridade na visão colonialista.

Assim, se os imigrantes sírio-libaneses anseiam pelos perfumes dos temperos que trouxeram na memória, saudosos do monte branco de sua terra natal, e se do alarido dos mercados produziram mesas fartas com opulência a mesclar o Brasil e a Arábia em acolhedoras casas, ainda há uma barreira que tolhe, sinistra e determinante, a voz que pode dizer de uma cultura inteira.

O imaginário e o discurso monolítico do Orientalismo persiste e se sustenta, mas por suas frestas passam os fios que tecerão tapetes outros, diversas e complexas histórias de vida de sírios e libaneses que fazem parte da literatura brasileira para além do exotismo e da incompreensão.

Referências

AMADO, Jorge. *A descoberta da América pelos turcos*. São Paulo: Companhia das Letras, 2008.

CURY, Maria Zilda Ferreira. Uma luz na escuridão: imigração e memória. In: VAZ, Artur Emilio Alarcon; BAUMGARTEN, Carlos Alexandre; CURY, Maria Zilda Ferreira. *Literatura e imigração: sonhos em movimento*. Belo Horizonte: Faculdade de Letras da UFMG, p. 7-30, 2006.

GARCIA, Mireille. A representação do imigrante árabe em *A descoberta da América pelos turcos*, de Jorge Amado. *Amerika. Mémoires, identités, territoires*, n. 10, (p.1-16), 2014. Disponível em: <https://journals.openedition.org/amerika/4514>. Acesso em: 07/11/2023.

GATTAZ, André. Líbano uno e diverso: as múltiplas identidades entre imigrantes libaneses no Brasil. *História Oral*, v. 10, n. 1, p. 43-62, jan-jun. 2007.

GATTAZ, André. *Do Líbano ao Brasil: história oral de imigrantes*. Salvador: Editora Pontocom, 2012.

GOODY, Jack. *O roubo da História*. São Paulo: Editora Contexto, 2008.

LAAOUICHI, El Mostafa. *A emigração árabe no romance brasileiro contemporâneo: Nur na escuridão e a memória, a identidade, a alteridade e o estranhamento*. 2016. 125f. Dissertação (Mestrado) - Curso de Estudos Brasileiros, Universidade de Lisboa, Lisboa, 2016.

MIGUEL, Salim. *Nur na escuridão*. Rio de Janeiro: Record, 1999.

PINTO, Paulo Gabriel. El Labirinto de Espelhos: Orientalismos, Imigração e Discursos sobre a Nação no Brasil. *Revista de estudios internacionales mediterráneos*, v. 21, p. 47-57, 2016.

SAID, Edward W. *Orientalismo: o Oriente como invenção do Ocidente*. São Paulo: Companhia das Letras, 2007.

TRUZZI, Oswaldo. Sírios e libaneses e seus descendentes na sociedade paulista. In: FAUSTO, Boris. *Fazer a América*. São Paulo: Edusp, 2000.

Para citar este artigo

POSTAL, Ricardo; BIONE, Maria Luiza Cintra; MENDES, Fabiana Vasconcelos. Distintos Orientes: os imigrantes libaneses em dois romances brasileiros. *Miguilim – Revista Eletrônica do Netlli*, Crato, v. 12, n. 2, p. 120-133, maio-ago. 2023.

Autoria

Ricardo Postal é professor de Literatura no Programa de Pós-Graduação em Letras da UFPE. E-mail: ricardo.postal@ufpe.br; ORCID iD: <https://orcid.org/0000-0002-4882-627X>.

Maria Luiza Cintra Bione é graduanda em Letras – Licenciatura em Língua Portuguesa na UFPE. E-mail: luiza.cintra@ufpe.br; ORCID iD: <https://orcid.org/0000-0003-0187-3340>.

Fabiana Vasconcelos Mendes é graduanda em Letras – Licenciatura em Língua Portuguesa na UFPE. E-mail: fabiana.vmendes@ufpe.br; ORCID iD: <https://orcid.org/0000-0002-1112-2025>.